

OS DESAFIOS PANDÊMICOS E OUTROS MODOS DE RE-EXISTÊNCIAS NAS ARTES

ORGS.
VANILTON LAKKA
DANIELA GUIMARÃES
DULCE AQUINO
CLÉCIA QUEIROZ
VALESKA ALVIM
ALYSSON AMÂNCIO

EDITORA

OS DESAFIOS PANDÊMICOS E OUTROS MODOS DE RE-EXISTÊNCIAS NA DANÇA



VANILTON LAKKA
DANIELA GUIMARÃES
DULCE AQUINO
CLÉCIA QUEIROZ
VALESKA ALVIM
ALYSSON AMÂNCIO

APOIO FINANCEIRO



CAPES

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança

ANDA Editora.

1.ª Edição - Copyright© 2020 dos organizadores.

Direitos desta Edição Reservados à ANDA Editora.

L192d Lakka, Vanilton

Os desafios pandêmicos e outros modos de re-existências nas artes /
Vanilton Lakka; Daniela Guimarães; Dulce Aquino; Clécia Queiroz; Valeska
Alvim; Alysson Amâncio, organizadores. – Salvador : ANDA, 2020. – 332 : il.
– (Coleção Quais danças estarão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do
corpo, 1).

ISBN 978 658 743 109 3

ISBN Coleção 978 658 743 112 3

1 Dança 2 Movimento 3 Corpo I Título II Série III Guimarães, Daniela IV
Aquino, Dulce V Queiroz, Clécia VI Alvim, Valeska VII Amâncio, Alysson

CDD 371

Patrícia de Borba Pereira – Bibliotecária - CRB10/1487

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nº 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

EDITORA

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança

ANDA Editora
Av. Adhemar de Barros s/n
Ondina – Salvador, Bahia.
CEP 40170-110

VANILTON LAKKA
DANIELA GUIMARÃES
DULCE AQUINO
CLÉCIA QUEIROZ
VALESKA ALVIM
ALYSSON AMÂNCIO

OS DESAFIOS PANDÊMICOS E OUTROS MODOS
DE RE-EXISTÊNCIAS NA DANÇA

ANDA EDITORA, 2020



ANDA | Associação Nacional de Pesquisadores em Dança

DIRETORIA

Prof.^a Dr.^a Lúgia Losada Tourinho (UFRJ)
Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha (UFBA)
Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (UFPEL)
Prof. Me. Vanilto Alves de Freitas (UFU)

CONSELHO DELIBERATIVO CIENTÍFICO E FISCAL

Prof.^a Dr.^a Dulce Tamara da Rocha Lamego da Silva (UFBA)
Prof.^a Dr.^a Eleonora Campos da Motta Santos (UFPEL)
Prof. Dr. Marcílio de Souza Vieira (UFRN)
Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza (FURB)
Prof.^a Dr.^a Marina Fernanda Elias Volpe (UFRJ)

FICHA TÉCNICA - ANDA EDITORA

EDITORIAL

Dr. Lucas Valentim Rocha (UFBA)
Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza (FURB)
Me. Vanilto Alves de Freitas (UFU)

COMITÊ EDITORIAL

Dr.^a Dulce Tamara da Rocha Lamego da Silva (UFBA)
Dr.^a Eleonora Campos da Motta Santos (UFPEL)
Dr. Marcílio de Souza Vieira (UFRN)
Dr.^a Marina Fernanda Elias Volpe (UFRJ)

PRODUÇÃO EDITORIAL

Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (UFPEL)
Dr.^a Lúgia Losada Tourinho (UFRJ)

REVISÃO

Os autores

APOIO TÉCNICO

Ana Paula Zanandréa e Cristiano Portela

CAPA, DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

William Gomes

CORREALIZAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA (PPGDANCA)
Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da UFBA (PRODAN)
Programa de Pós-Graduação em Dança da UFRJ (PPGDan)
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPEL (PPGAVI)
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN (PPGARc)

CONSELHO CIENTÍFICO

Prof.^a Dr.^a Amanda da Silva Pinto (UEA)
Prof.^a Dr.^a Amélia Vitória de Souza Conrado (UFBA)
Prof. Dr. Amílcar Martins (Universidade Aberta de Lisboa – Portugal)
Prof.^a Dr.^a Ana Macara (INET – md/pólo FMH, ULisboa – Portugal)
Prof.^a Dr.^a Dulce Tamara da Rocha Lamego da Silva (UFBA)
Prof.^a Dr.^a Elisabete Monteiro (INET – md/pólo FMH, ULisboa – Portugal)
Prof.^a Dr.^a Eleonora Campos da Motta Santos (UFPEL)
Prof. Dr. Fernando Marques Camargo Ferraz (UFBA)
Prof.^a Dr.^a Helena Bastos (USP)
Prof. Dr. Marcilio de Souza Vieira (UFRN)
Prof. Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza (FURB)
Prof.^a Dr.^a Marina Fernanda Elias Volpe (UFRJ)
Prof.^a Dr.^a Neila Baldi (UFSM)
Prof.^a Dr.^a Pegge Vissicaro (Northern Arizona University – EUA)
Prof. Dr. Rafael Guarato (UFG)
Prof. Dr. Sebastian G-Lozano (Universidad Católica San Antonio de Murcia –
Espanña)
Prof. Dr. Sergio Ferreira do Amaral (UNICAMP)
Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (UFPEL)

Esta obra foi aprovada pelo conselho científico e comitê editorial.

ORGANIZADORES

VANILTON LAKKA Vanilto Alves de Freitas (Vanilton Lakka) é criador-intérprete premiado pela APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes, atua com produção cultural, criação, interpretação e pesquisa em dança. Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Artes pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia), atualmente é coordenador do bacharelado em dança na mesma instituição e doutorando em Artes Cênicas no PPGAC-UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Site: www.lakka.com.br

E-mail: vaniltonlakka@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1100-0658>

DANIELA GUIMARÃES é Docente e Coordenadora de Ações Artístico-Acadêmicas da Escola de Dança da UFBA. Doutora e Mestre pelo PPGAC/ UFBA (2017/ 2012). Graduação Dança UFBA (2009) e Artes Plásticas/ Instituto Marangoni (Milão,1996). Docente do PPGDANÇA e PRODAN/ UFBA. Líder do CORPOLUMEN: Redes de estudos de corpo, imagem e criação em Dança. Diretora do Grupo de Dança Contemporânea da UFBA (2017/18): projeto "Trilogia do sonhar".

E-mail: ciaormeio@gmail.com; bemfica.daniela@ufba.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2467-2632>

DULCE AQUINO é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (1999). Coordenadora do Projeto Observatório das Artes e da Comunicação-OBSERVARTE em parceria com MINC e UFBA. Membro do Conselho Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança-ANDA (2018-2021). Coordenadora do Programa de Pós Graduação Profissional em Dança da Faculdade Angel Vianna.

E-mail: dulceaquino@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2370-3193>

CLÉCIA QUEIROZ é Licenciada em Dança pela UFBA, Mestre em Artes pela Howard University (EUA) e Doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA). Sua tese de doutorado analisa as práticas cênicas do samba de roda. É Profa. do Depto. de Dança da UFS, líder do Grupo de Pesquisa Encruzilhada. Além de dançarina, é cantora e atriz premiada, com quatro CDs solo (Prêmio Copene de Música e Teatro).

E-mail: cleciaqueiroz@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4561-1927>

VALESKA ALVIM é Professora da linha de Pesquisa Teoria e Prática em Artes Cênicas no Programa do PPGAC\UFAC. Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas UNB (2018) Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Artes Unicamp (2012) e bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa UFV (2006). Atualmente é docente na Universidade Federal do Acre (UFAC), concentrando suas atividades prioritariamente no curso de formação de professores em Artes Cênicas. Coordena o grupo de pesquisa e extensão em Artes Cênicas (Nois da Casa) associada ao CDPDan - Coletivo de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia (CEN/UnB).

E-mail: vralvimunb@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5599-9902>

ALYSSON AMÂNCIO é Artista da Dança. Professor Efetivo do Departamento de Teatro do Centro de Artes Violeta Arraes - URCA (CE). Doutor em Artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. (CE). Licenciado em Dança na UniverCidade (RJ). Graduado em Dança e Coreografia na Faculdade Gama Filho e no Colégio de Dança do Ceará. Fundador da Associação Dança Cariri. Curador da Semana Dança Cariri. Diretor da Cia Alysson Amancio.

E-mail: alyssonamancio@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8285-6213>

SUMÁRIO

PREFÁCIO ■ Dulce Aquino **10**

INTRODUÇÃO ■ Clécia Queiroz, Dulce Aquino **13**

CAPÍTULO 1: EXPERIÊNCIAS: PROCESSOS E REFLEXÕES **24**

DO PRESENCIAL AO Ñ-PRESENCIAL: VI CONGRESSO CIENTÍFICO ANDA 2020 - EDIÇÃO VIRTUAL ■ Daniela Guimarães e Vanilton Lakka **25**

HOMENAGEM A EUSÉBIO LOBO ■ Fernando Ferraz **38**

CARTA AOS BÍPEDES #3 ■ Edu O. **44**

CAPÍTULO 2: MESAS E PALESTRAS: DISCUSSÕES EM MOVIMENTO **50**

MESA DE ABERTURA: DANÇA, NECROPOLÍTICA E PANDEMIA **51**

SAUDAÇÃO AOS ANTEPASSADOS DEFS ■ Zuleika Brit! **52**

SE O GENOCÍDIO EM CURSO É IDENTITÁRIO, GÊNERO E SEXUALIDADE SÃO MINHAS ARMAS DE GUERRA E A DANÇA, MINHA BRUXARIA ■ Princesa Ricardo Marinelli Martins **55**

MÃE PRETA FORÇA MULHER: A MINHA DANÇA RESULTA DE PASSOS QUE VÊM DE LONGE E ME LEVARÁ MUITO MAIS ALÉM ■ Vânia Silva Oliveira **61**

DANÇA, NECROPOLÍTICA E PANDEMIA: NO CONTEXTO DAS CULTURAS INDÍGENAS DO BRASIL ■ Denny Neves **75**

MESA DE ENCERRAMENTO: MULHERES DA IMPROVISAÇÃO (MI) **93**

"MULHERES DA IMPROVISAÇÃO" (MI): AÇÕES E REFLEXÕES SOBRE PRESENÇA FRENTE AOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS ■ Mulheres da Improvisação (MI) **94**

PALESTRAS INTERNAS AOS COMITÊS TEMÁTICOS **139**

QUE DANÇAS POR-VIR? OU DA INSIGNIFICÂNCIA DO ACESSÓRIO À PRIORIDADE DO QUE É ESSENCIAL ■ Elisabete Monteiro **140**

PANDEMIA PELAS TELAS: QUANDO TECNOLOGIAS E EMPREENDEDORISMO SE ENCONTRAM NAS AULAS DE DANÇA ■ Isabel Marques **161**

CAPÍTULO 3: MOSTRA ARTÍSTICA ANDA 2020 - EDIÇÃO VIRTUAL **173**

MOSTRA ARTÍSTICA ANDA/2020 - EDIÇÃO VIRTUAL: DANÇAR É PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ■ Alysson Amâncio, Daniela Guimarães, Elke Siedler, Marilza Oliveira **174**

OBRAS E ARTISTAS PESQUISADORES NA MOSTRA ANDA 2020 - EDIÇÃO VIRTUAL **185**

CAPÍTULO 4: COLEÇÃO DE TEXTOS CRÍTICOS DA IMERSÃO LABCRÍTICA NO CONGRESSO ANDA 2020 ■ Sérgio Andrade **229**

TEXTOS CRÍTICOS DA MOSTRA ANDA 2020 - EDIÇÃO VIRTUAL **232**

ÍNDICE REMISSIVO **322**

AUTORES & AUTORAS **325**

PANDEMIA PELAS TELAS: QUANDO TECNOLOGIAS E EMPREENDEDORISMO SE ENCONTRAM NAS AULAS DE DANÇA

Isabel Marques

Pré-texto

Esse texto não é um texto acadêmico nem de pesquisa, outrossim, uma reflexão provocadora para pensarmos o ensino de dança atravessado pela pandemia da Covid 19 que abriu o encontro do CT Dança como área de conhecimento - perspectivas epistemológicas, metodológicas e curriculares no dia 17 de setembro de 2020 no 6o. Congresso da ANDA. Por isso, guarda a coloquialidade da conversa e a força, espero, do diálogo. Agradeço muito a acolhida do grupo e a possibilidade de compartilhamentos, acrescentando ao texto original algumas discussões que tivemos nesse dia.

Texto

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade de poder estar conversando com vocês em um momento, no mínimo frágil, de nossas vidas. Para mim esse momento é duplamente significativo - esse é meu primeiro congresso da ANDA: desde que decidi assumir em 1998 a “vida bandida” de ser artista/docente (sim, 22 anos para quem já fez a conta!) tenho ido pouco a congressos acadêmicos, embora adore e valorize muito esses encontros. A vida me levou para outras rotas e a pesquisa tomou outros contornos e coloridos. Espero estar com vocês presencialmente nos próximos congressos

Além disso, estar aqui é fruto de um convite carinhoso que afagou meu coração nesse momento de isolamento, de tantos questionamentos internos e de tanta vulnerabilidade social. Obrigada, Neila Baldi e a todes desse CT pelo convite e pela confiança. Estou feliz por estar hoje com vocês.

Há seis meses estamos isolados em nossas casas vivendo tempos difusos e espaços reconstituídos. Com a abertura das lojas, academias de dança e de ginástica, oficinas, restaurantes e bares não sabemos mais se devemos ficar ou sair, arriscar um passeio ou morrer de ansiedade, continuar

online ou acatar as decisões governamentais de voltar às aulas presenciais correndo graves riscos de contaminação.

Vejo que muita gente não tem as mesmas dúvidas e já fazem filas nos shoppings, aglomeram-se desesperadas nas portas de lojas em liquidação e não resistem ao sol, lotando as estradas e as praias. Outros ainda, no entanto, não podem nem puderam se dar ao luxo de ter dúvidas: estão nos hospitais, nos mercados, nos ônibus lotados desde o início da pandemia. O que está acontecendo?

Estamos definitivamente diante de uma nova era. Para alguns autores, finalmente chegamos ao século XXI. Estamos – nós os privilegiados que têm acesso às tecnologias – nos realfabetizando, pois entramos, irrevogavelmente, na era da cultura digital. As reuniões, as *lives*, as aulas, os ensaios, os encontros, as festas de aniversário, têm nos trazido experiências, aprendizados e relações nunca antes vividas. “Meu nome é tela”. Vocês também estão exaustos?

Uma coisa que tem realmente me preocupado - entre muitas outras, claro – é que, juntamente com todas essas novas experiências digitais, estamos sendo praticamente forçados a acolher o mundo corporativo neoliberal em nossos cotidianos privados. Nossas casas viraram ‘*homeoffices*’ e os estudantes fazem ‘*homeschooling*’ – diga-se de passagem, um plano antigo desse governo e há tempos de muitos empresários da Educação.

Agora temos dentro de casa novos horários, rotinas demarcadas, tarefas estipuladas, espaços guiados pelo empreendedorismo; muitos lares cederam à produtividade, às metas, às competências, à otimização do tempo, à superação dos obstáculos. Já ouvi professores dizendo que “estamos nos reinventando” (como gostam de dizer os *coaches*), e muitos dizem isso com o mesmo êxtase de um empresário, como se fossem eles a angariar os lucros.

Como estão as aulas de vocês? E as palestras, mediações, ainda *online*? Grosso modo, com o uso das tecnologias, essas aulas ficaram do jeitinho que os empreendedores gostam: mais ágeis, mais fáceis, mais baratas (ou até mesmo de graça), mais abrangentes em relação ao número de

peçoas, mais limpas, menos poluentes (não saímos de casa) e, nos fazem acreditar, mais eficientes.

A pandemia da Covid 19 nos forçou a incorporar novas formas de dar aulas e de dançar, talvez. No entanto, pagam menos e gastamos mais, desgastamos nossas relações, usamos nossas próprias máquinas, pagamos internet com nossos proventos; estamos sem tempo para aprender e tendo de ensinar, gerando conteúdos para as redes e sem direitos autorais. Estamos, como professores e artistas, nos super-expondo, expondo nossas casas, nossos corpos.

Estamos exaustos e esgotados, e, aparentemente, os culpados somos nós mesmos – o filósofo sul coreano radicado na Alemanha, Byung-Chul Han (2017), chamou isso de violência sistêmica, pois nos tornamos “sujeitos do desempenho”, isolados, histéricos e escravizados pelo trabalho. Mas agora, essa violência sistêmica tem sido produzida pela obrigatoriedade das telas, e dentro de nossas casas. Parece que não temos outra opção.

Muitos professores e professoras - artistas menos, talvez – estão “uberizando” suas práticas profissionais, tonando-se “empresários de si mesmos”. As redes sociais nos ajudam a mostrar como “estamos sendo bem sucedidos” dentro desse modelo que, no fundo, traz a precarização do trabalho, da arte e da vida.

Ou seja, a forma como estamos vivendo a cultura digital a meu ver vem colada ao capitalismo neoliberal e, conseqüentemente, ao patriarcado e ao colonialismo, como bem coloca o filósofo português Boaventura dos Santos (2020) em seu texto sobre a cruel pedagogia do vírus. Atrelado a esse “trio parada dura” (o capitalismo, o patriarcado e o colonialismo), estão o hiper individualismo e a “vida *a la carte*” discutidos por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011), o consumismo e o vício pelo novo trazidos por Ailton Krenak (2020) em seu mais recente livro quando conversa sobre a humanidade de hoje. O perigo, creio, é que dessas relações, se desdobram o machismo, o racismo, a misoginia, o especismo, a LGBTQI+fobia – ou seja, pacote completo. Daremos conta?

Essas experiências espaço-temporais que foram impostas (ou deixamos que fossem) com a corporativização de nossas casas, e que são avessas às formas convencionais da vida doméstica, contaminaram nossas formas de compreender, vivenciar e propor aulas e apresentações de dança: a pandemia fez, sobretudo, principalmente em seu primeiro momento, com que nos tornássemos vendedores e consumidores desenfreados de educação e arte. Ou, será que sempre fomos assim e a pandemia somente nos permitiu que víssemos isso de forma mais clara?

Em vez de abraçarmos o tempo distendido, as relações sistêmicas, o cuidado e os espaços coletivos que em geral são atribuídos às vidas em casa - claro que para aqueles que puderam ficar em casa e para aqueles que têm casa - esmagamos todas as possibilidades de respiro, pausa, sensação, relação que o isolamento inicial nos teria permitido. Aparentemente, como nação, não fomos/estamos sendo capazes de viver outros tempos e espaços e talvez seja por isso estejamos nos questionando tanto sobre nossa “desumanidade”. A meu ver, está tudo conectado.

A pandemia da Covid 19 nos deu a chance de vivermos outros tempos e de reformularmos espaços físicos e virtuais. Se as experiências conscientes de tempo e espaço são elementos que nos tornam humanos, como nos ensina Jim Gates (2014), fico me perguntando se não poderíamos ter aproveitado mais os momentos de dançar em casa para termos nos humanizado. Na verdade, ainda há tempo.

Explico melhor o que quero dizer: tempo e espaço são elementos constitutivos da dança – talvez seja por isso que ao dançarmos nos sintamos tanto “nós mesmos”. Brincar, jogar e dançar com tempos e espaços, portanto, potencialmente nos faz compreender, des-cobrir, problematizar diferentes formas de sermos “humanos”.

Pergunto-me que danças seriam essas atrás das câmeras que podem nos alimentar de tempos e espaços (portanto de humanidade)? Nós do Caleidos Cia de dança, companhia que dirijo em São Paulo com Fábio Brazil, fizemos algumas experiências: Que marcadores de tempo há em casa que não

sejam o relógio ou o celular? Como é dançar com essa nova marcação? Investigamos como a casa pode transformar o corpo, ou é a dança que transformou a casa?

Contrariamente a isso, também aprendemos a fazer *flyers* virtuais, edições de vídeo, postar nas redes horários “certos”, usar as cores que vendem, editar músicas, fazer boas fotos e nos apresentarmos diante das telas. Não que isso não seja bom, um aprendizado para vida, diriam, mas melhor seria se esses aprendizados fossem por gosto e trouxessem prazer, não por só por produtividade, obrigação, vaidade ou dinheiro; não só para continuarmos inseridos na rota central daqueles que fazem rodar esse sistema de tantas violências.

Quantos cursos fizemos para “nos renovarmos”? Quantas aulas buscamos simplesmente porque estavam de graça? De quantas formações fizemos parte simplesmente para adquirirmos “novas mercadorias”, já que as antigas – aulas presenciais – já não nos serviam mais? Penso nas famosas “receitas de bolo pedagógico” - que vão das coreografias às propostas de improvisação, das “atividades” a serem copiadas na escola às formas de como cativar estudantes na tela. Quem não perdeu *lives*, congressos, seminários, aulas master sem se culpar de não ter “aproveitado todas essas oportunidades”, sem achar que “está ficando para trás”?

Concordo com Krenac, indígena ativista brasileiro que “estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além dos nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, ilusão de que vamos continuar existindo” (KRENAK, 2020, p. 17). Estaríamos vendendo e comprando aulas e danças online sem nos darmos conta de que, ainda nas palavras de Krenak, “não comemos dinheiro”? Ou seja, sem nos lembrarmos de que nossa existência nesse planeta não depende da economia nem da acumulação de bens materiais? Pergunto ainda: será que não estamos fazendo desse momento excepcional um grande palco para que o tecnopatriarcado neoliberal - conceito do filósofo espanhol Paulo Preciado (2020) - seja protagonista de nossas vidas?

Sem questionamentos, a pandemia da Covid 19 levou definitivamente nossas aulas para as telas e para o domínio público. A dança, que potencialmente poderia nos ajudar a ver, ler, viver e deslumbrar outras formas de vida em sociedade, está/ou esteve, vamos dizer, “presa” às telas, dentro de quadradinhos frontais e a meio corpo. Passamos do convívio ao tecnovívio, como discute o argentino Jorge Dubatti (2020): a cultura do tecnovívio nos traz ações desterritorializadas, na presença das telas, subtraindo o corpo físico presencial.

Trago dois alertas para pensarmos a dança que está e que virá desse período pandêmico: não podemos viver esse período - que pelo que vemos, será bem longo - nos preenchendo de saudades do convívio, olhando e vivendo somente do que passou. Seria equivocado também, citando o próprio Dubatti (2020), passarmos a idolatrar o tecnovívio, entendendo-o com a única e melhor arte que virá.

Gostaria de compartilhar algumas impressões e trazer perguntas das danças que tenho visto na minha bolha, aquelas que o Google escolhe e me mostra, exercendo sua vigilância incontestável e talvez incontornável. Sim, saber menos de si do que o Google é uma forma de poder, pois as telas se tornaram territórios de disputa. Como estamos lidando com isso - com essa nova forma de vigilância - ao entregar nossas práticas docentes e artísticas para o Facebook, Instagram, Zoom, Meet, Tik Tok?

Ouso dizer, que, talvez, a nossa falta de conhecimento, de habilidade, ou de intimidade com telas e plataformas, tenha nos levado de volta a formas tradicionais de ensino; ouso também dizer que estamos nesses tempos de distanciamento social mais conservadores em nossas formas de ensinar e aprender e até mesmo de dançar. Lançar mão de formas tradicionais de ensino de dança parece não ter sido uma tarefa muito árdua - já nas primeiras semanas de pandemia as redes estavam infestadas de *lives* e *clips* com a tradicional “5, 6, 7, 8” das sequências e exercícios a serem copiados.

Seria um - mais um - retrocesso? Seria só “culpa das tecnologias” e “culpa da pandemia” ou será que nossas aulas sempre foram assim e agora

estamos tendo possibilidades de ver melhor esse mundo da dança fora da bolha universitária?

As aulas na tela também expõem, de diferentes formas, corpos e espaços de professores e estudantes, abalando, a meu ver, uma grande conquista da pedagogia da dança que foi a de “resguardar” - não colocar indevidamente em evidência sob a possibilidade de *bullying* - as singularidades corporais de cada um. Além disso, nas telas, mesmo que estejam abertas, não há mais possibilidade de diálogo tal qual como conhecemos e prezamos na presença: o diálogo verbal, corporal, intuitivo, sensível. Nas telas, também não há escuta propriamente dita, a escuta do corpo: há microfones, há sons vazados, há microfônias e, por isso, os mantemos fechados.

As aulas convencionais que invadiram as telas, a meu ver, também trouxeram de volta a supremacia da visão às salas de aula. Temos, portanto, de estar atentos ao que Boaventura dos Santos (2019) nos lembra: a visão sem reciprocidade, no mundo ocidental capitalista, patriarcal e colonialista, estaria no topo da hierarquia dos sentidos por ter sido associada à cognição, ou seja, à mente - a supremacia da visão excluiu e relegou a segundo escalão os outros sentidos, diga-se de passagem, cruciais para o dançar dialógico, consciente, sensível.

A supremacia da visão na cultura ocidental também é tema de estudos da pesquisadora feminista nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2002), que nos alerta para o fato de que o olhar é um convite para diferenciar, principalmente diferenciar corpos, sendo que essa diferença é geralmente expressa como degeneração. Não é preciso falar sobre as consequências nefastas para a sociedade de aulas de dança baseadas na supremacia da visão.

A visão como única e mais importante forma de ensinar e aprender dança já havia de certa forma sido posta de escanteio pelo movimento somático das décadas de 1980/90. Esse movimento garantiu às aulas de dança um maior cuidado com o corpo, e, principalmente, que o corpo fosse percebido a partir de si mesmo. Infelizmente, tenho forte convicção de que a supremacia da visão a que estamos assistindo nas redes não é um mero

retrocesso, mas um retrato fiel do pequeno alcance da inclusão de uma educação sensível no mundo do ensino de dança. Novamente, vejo que a pandemia somente colocou lentes de aumento naquilo que já estava acontecendo.

Mas noto também alguns desvios interessantes que merecem ser mais estudados. O olhar soberano do professor sobre o corpo, esse olhar que impõe, “degenera”, encrusta valores capitalistas e patriarcais à vida e à sociedade está de certa forma sendo desafiado pelo uso das tecnologias pelos estudantes.

Estudantes, atrás das telas, têm tido um “poder” de manusear suas câmeras como quiserem e participar das aulas sem controle total do professor (não estou considerando aqui a avaliação punitiva nem medidas posteriores às aulas): câmera fechada, aberta com ângulo escolhido, *gallery view* (mostrar-se para todos), *pin vídeo* (colocar alguém em evidência), *speaker view* (close de quem está falando), *spot light* (alguém o coloca em evidência), *hide non vídeo participants* (sair de cena completamente) e assim por diante são opções de ver e se deixar ver/ou não que nem sempre estão sob o jugo dos professores. Com um agravante: nem sempre todos estão no mesmo modo de ver, o que pode deixar o professor bem desorientado!

Pausa

Nos dias de hoje, com todo consumismo, superprodutividade, hiper individualismo, corporativização de nossas casas, violência sistêmica, a meu ver, não estamos conseguindo viver a dor do luto, entender o luto, sentir o luto, e nos aproximarmos da morte.

O ativista Herbert Daniel (1990), quando militava pela causa do HIV nos anos 1980, falava da importância de nos conscientizarmos de que somos mortais. Dizia que diante da morte, temos mais consciência do mundo, da vida no planeta - eu incluo aqui hoje consciência da vida também das espécies que estão morrendo carbonizadas no Pantanal e na Amazônia.

Mas, aparentemente, esse país não está de luto, no Brasil já são quase 140 mil mortos⁵⁵, e esse país não está de luto oficial. Notícias sobre o corona vírus ocupam uma chamadinha rápida no Jornal Nacional, Jair Bolsonaro e sua turma de urubus corruptos genocidas debocha da morte, mente em discurso na ONU – e a sociedade responde neuroticamente por um tal de “novo normal”, carregado de passados podres e injustos.

Fim do texto

É difícil, e nem sempre possível ou até mesmo desejável, vislumbrarmos essa dança que virá após a experiência da pandemia. Mais do que nunca, o futuro é de fato imprevisível - não somente indeterminado. Adiamos tantos compromissos pensando no futuro - congressos, cursos, projetos, viagens, encontros, reformas. Mas trazendo novamente Krenak, “quem está apenas adiando compromissos, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado” (KRENAK, 2020, p. p.89). Queremos viver no passado? A forma como estamos nos deixando levar pelo empreendedorismo nas nossas telas/palco/salas de aula, a maneira como a quarentena foi quebrada, me apontam que sim, que a grande maioria da população não se importa ou não tem refletido a esse respeito.

E agora parece que esse futuro pós pandemia chegou. Estuda-se a volta às aulas, depois disso, provavelmente a abertura dos teatros, nossos *habitats*. Na cidade de São Paulo, de onde eu venho e moro, o prefeito Bruno Covas do PSDB - faço questão sim de dizer nome, sobrenome e partido - baixou portaria dizendo que só voltarão as aulas do contra turno, ou seja, as aulas de esportes e recreação - imagino que a arte e a dança estão nesse quesito “recreação”.

O que pensar? De duas, uma: a dança é tão importante que será a primeira a voltar, ou o governo não liga a mínima se professores e estudantes se contaminarem dançando. Sim, mas que dança será essa de máscaras (porque em escolas públicas dificilmente terão *faceshields*), sem encostar, pegar, deslizar, cheirar, suar?

⁵⁵ Dados relativos a 17 de setembro, quando a primeira versão deste texto foi escrita, para a fala no VI Congresso da ANDA

Ou será que nas escolas teremos aulas como em tantas academias comerciais de dança que já vi no Instagram - aulas individuais, com piso demarcado, olhando para o espelho e copiando a professora? Será que foi isso que aprendemos com a pandemia, que escola/aula de dança se resume a apropriação de conteúdos/passos copiados? Será que os modelos de aula *online* é que serão reproduzidos presencialmente nessa “grande volta”, quando deveria ter sido justamente o contrário?

Quando tudo começou lá em março, sonhávamos (eu sonhava) com esse novo mundo, acho que todo mundo sonhou um pouquinho. Vocês sonharam? Ele - o novo mundo - ainda pode vir, claro, muita água ainda vai rolar, mas... o que estamos fazendo hoje para que esses sonhos não sejam novamente engolfados pelo velho mundo tecnopatriarcal neoliberal? Krenak (2020) bem nos lembra com sua limpidez quase óbvia, que o outro mundo - esse que a gente sonha ainda - não pode ser a repetição deste, se não, não será outro mundo.

Pergunto-me se estamos conseguindo olhar com outros olhos, ter mais escuta, sentir com mais acuidade os chamamentos internos sem nos despregarmos dessa massa que somos, que é o Planeta Terra? E essas novas formas de ver sentir escutar estar, estão contaminando, problematizando, transformando nossas formas de ensinar e dançar?

Nessa entrevista com Jô Soares de que já falei, o Herbert Daniel nos lembra que toda “arte é uma vitória contra a morte”. Mas de que arte estaria ele falando? Da mesma arte/dança tão cara a Krenak (2019), a “dança que suspende o céu”? Suspende o céu para os Krenak é uma forma de ampliar horizontes. Mas... como suspender o céu atrás das telas? Que desafio (embora desafio seja um termo empreendedor...rs)

Se um dia eu encontrar o Krenak eu quero perguntar a ele se a dança contemporânea, as danças urbanas, o funk, também podem suspender o céu... mas, por enquanto, ele nos dá uma dica ancestral e muito sábia: “a vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (KRENAK, 2020, p. 108).

Quero terminar citando Luiza Erundina, deputada federal, ex-prefeita de São Paulo, nordestina, 84 anos e militante de esquerda. Erundina, ou Luiza, como carinhosamente é chamada pelos amigos, sempre nos lembra de que “eles querem que nós desistamos, e é por isso que não vamos desistir”. Obrigada

Pós-texto

Após a apresentação dessa fala no Congresso da ANDA, ouvi uma *live* de Krenak na São Paulo Escola de Teatro e fiz essa mesma pergunta no *chat*: queria saber se a dança contemporânea (a dança que pratico e ensino) também pode suspender o céu. Para minha alegria e surpresa, minha pergunta foi escolhida!

Para os Krenak, falando grosseiramente, a vida é uma dança, e a dança vem do espírito, e não do corpo - o corpo se movimenta, o espírito dança. “Se você tiver uma arte com potência de afetar mundos”, me disse Krenak, “seu corpo será tomado. Um corpo tomado é um corpo fora do tempo para fazermos essa dança cósmica” - fora do tempo empreendedor neoliberal, pensei... conseguiremos? me perguntei. Tentaremos, agradecida.

REFERÊNCIAS

DANIEL, Herbet. Entrevista no Programa Jô Soares, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4xGilrru_g8>. Acesso: 22 set. 2020.

DUBATTI, Jorge. Experiência teatral, experiência tecnovivial: nem identidade, nem campeonato, nem melhoria evolutiva, nem destruição, nem laços simétricos. **Rebento**. São Paulo: Instituto de Artes-Unesp, N. 12, jan - jun 2020, p. 8-32.

GATES, Jim. Mesa redonda. What does it mean to be human? World Science Festival, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ynDsHzCatbQ>>. Acesso: 29 set. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2a. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1a. edição. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1a. edição. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Palestra proferida na SP Escola de Teatro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kLDUrAEkfEY&t=1s>> Acesso: 21 set. 2020.

LIPOVESTSKY, Gilles e SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the body: Western theories and African subjects. COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African philosophy reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

PRECIADO, Paulo. Aprendendo com o vírus. **Textura Medium**, 2020. Disponível: <<https://medium.com/textura/aprendendo-com-o-virus-1f8542d3ed78>>. Acesso: 28 jun. 2020.

SANTOS, Boaventura. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. 1a. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.